

# “SOBRE RILKE E COMO SE FAZ UMA POESIA”

Albérís Eron Flávio de Oliveira

Demorei um pouco para pôr no papel o que eu queria desta vez. Pensando, só queria uma forma de começar. Tempo inquieto, eu inquieto.

O tempo não é uma coisa que podemos pegar com as mãos. Parece que ele passa por dentro de nós e, às vezes, rápido demais.

Pois bem. Encontrei um livro que havia comprado há alguns anos que, de algum modo, me fez escrever hoje pela manhã: “Cartas a um Jovem Poeta”, de Rainer Maria Rilke.

Rilke, como é mais conhecido, é, talvez, o maior de todos os poetas alemães – embora ele não seja alemão. Rilke nasceu em Praga, capital da Tchecoslováquia, na época, ainda parte do Império Austro-húngaro.

Nas cartas disponíveis no livro, Rilke conversa com os amigos sobre a vida e sobre Poesia. Em uma delas, indagado sobre como escrever uma poesia, ele anuncia um caminho. Diz ele: primeiro, penetre em si mesmo e procure a necessidade que o faz escrever – observe se essa necessidade tem raízes nas profundezas do seu



coração; segundo, aproxime-se da natureza; diga o que vê; evite temas demasiados comuns – são os mais difíceis – e aproveite aqueles que o dia a dia lhe oferece; terceiro, fale sobre você, sobre suas tristezas e sobre seus desejos; fale dos pensamentos que o tocam e de sua fé na beleza; por fim, registre tudo com calma e humildade. E diz mais: lembre-se, para o poeta nada é pobre e não há lugares mesquinhos e indiferentes.

Ele nos deu um verdadeiro mapa de como escrever um poema.

Então, eu fiquei pensando em diversos poetas e me lembrei de Paulo Leminski. Esse foi escritor, poeta e crítico literário. Paulo era curitibano, tinha um jeito próprio de escrever.

Sua poesia é sempre cheia de objetividade. Lembrei dele quando li as orientações de Rilke. Para ilustrar, compartilho parte de um poema dele, intitulado “Amor Bastante”. Diz assim o poema<sup>1</sup>:

*Quando eu vi você  
Tive uma ideia brilhante  
Foi como se eu olhasse  
De dentro de um diamante  
E meu olho ganhasse  
Mil faces num só instante*

*Basta um instante  
E você tem um amor bastante*

---

1 Disponível em < <https://blogdospoetas.com.br/poemas/amor-bastante/>>. Acesso em Julho 2023.

Pense comigo: o lugar que o poeta escolhe para ver o seu objeto poético é único, só o poeta é capaz de chegar até ele. O engraçado é que esse lugar está dentro do diamante e, ao mesmo tempo, dentro do poeta. Como isso é possível – pergunto.

Pelo que podemos ver, o poeta vê tudo bem de perto, como se ele tivesse de posse de um instrumento especial, algo parecido como um olho, mas não um olho comum. Um olho especial – note que ele vê mil faces em um instante.

O seu tema é simples, portanto: um olhar. Uma olhar de poeta, como se ele tivesse um terceiro olho, alguém pode querer dizer.

Porque o poeta se realiza apenas naquilo que vê – e que sente –, por um instante. Sim, basta um instante. E tudo acontece. E nisso suas tristezas e suas alegrias se misturam com seu desejo e provocam-lhe um sentimento único, irrepetível e fazem daquele momento, belo.

Para ser poeta, eu diria, deve-se dar sempre razão aos seus próprios sentimentos. Isto é, é preciso penetrar em si mesmo e achar uma necessidade de escrever – mas não escrever qualquer coisa. É preciso escrever coisas que parecem ter raízes nas profundezas do coração.

Como se tivesse um terceiro olho, é preciso dizer o que se vê, mas é preciso ver algo inusitado, incomum, ainda que seja de dentro da simplicidade.

Porque o poeta escreve seus desejos e é tocado por reflexões, por belezas – que estão em toda parte –, disponíveis ao terceiro olho.

Sim, ao olhar do terceiro olho tudo é belo. Tudo é belo. Porque para o poeta nada é pobre e não há lugares mesquinhos e indiferentes. Ao seu olhar – do poeta – tudo passa lentamente, ainda que seja num brevíssimo instante. Porque para o poeta tudo está bem ali, na sua frente – e só ele vê.

Depois de Rilke, nunca mais vi as coisas do mesmo jeito. Então, mais perguntas me vieram à cabeça. Mais perguntas e poucas respostas.

Parece que agora, depois de Rilke me ensinar um tanto, fico imaginando como nasce um poema. Ou como ele se apresenta ao poeta, posto que ele sempre existiu – eu me refiro ao poema.

Parece que ele vem como o sol, em meio a uma queda d'água. Ou como as folhas, que surgem nas copas das árvores em tempo sempre oportuno – geralmente depois do outono.

Os poemas vem sempre para aqueles que sabem enxergar e vivem como se estivessem de frente para a eternidade.

Sim, os poemas acendem luzes onde antes parecia nada existir. E eles abrem caminhos em meio a tempos nebulosos.

Viva Rilke!

Vivam os poetas!

ALBÉRIS ERON FLÁVIO DE OLIVEIRA é graduado em Letras (UFRN, 1997), especialista em Literatura comparada (UFRN, 2008) e em Educação de Jovens e Adultos (IFRN, 2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, também pela UFRN. É professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Email: eronflavio@hotmail.